

**Experiências de turismo e hospitalidade em comunidades tradicionais: aspectos teóricos e abordagens empíricas**

**Tourism and hospitality experiences in traditional communities: theoretical aspects and empirical approaches**

**Experiencias de turismo y hospitalidad en comunidades tradicionales: aspectos teóricos y enfoques empíricos**

Bianca Barbosa<sup>1</sup>  
Dores Cristina Grechi<sup>2</sup>

**Resumo:** O enfoque cada vez maior sobre a necessidade de experiências turísticas autênticas, que gerem bem-estar e transformação para visitantes e anfitriões, tem estimulado discussões e construções de produtos turísticos para além do convencional. Ao mesmo tempo, o excesso de tecnologia tem levado uma parte dos consumidores a buscarem trocas sociais reais, que promovam maior contato com a natureza e com comunidades singulares. Sendo assim, a pesquisa propõe, como objetivo geral, compreender a relação teórico-empírica das práticas de hospitalidade do turismo em Comunidades Tradicionais e, complementarmente, identificar categorias que explicam os conceitos presentes nas definições de hospitalidade; buscar elementos constituintes do turismo em Comunidades Tradicionais e verificar a aplicação dos conceitos de hospitalidade a partir das abordagens utilizadas nos territórios investigados. A pesquisa assumiu uma abordagem exploratória, de caráter qualitativo e o levantamento bibliográfico foi realizado no Portal de Periódicos da CAPES, especificamente, nas bases da *Web of Science* e *Scielo*, bem como, nos sites, Publicações de Turismo e Google Acadêmico. Os resultados permitiram identificar elementos para gestão de experiências de turismo e hospitalidade em Comunidades Tradicionais, bem como, construir categorias e níveis para estas práticas de gestão, apontando diretrizes importantes para construção de relações turísticas transformadoras.

**Palavras-Chave:** Identidade, comunidade, experiência, pertencimento, categorias.

**Abstract:** The increasing focus on the need for authentic tourism experiences that generate well-being and transformation for visitors and hosts has stimulated discussions and the construction of tourism products that go beyond the conventional. At the same time, the excess of technology has led some consumers to seek real social exchanges that promote greater contact with nature and unique communities. Therefore, the research proposes, as a general objective, to understand the theoretical-empirical relationship of hospitality practices in tourism in Traditional Communities and, additionally, to identify categories that explain the concepts present in the definitions of hospitality; to seek constituent elements of tourism in Traditional Communities and to verify the application of hospitality concepts based on the approaches used in the territories investigated. The research adopted an exploratory, qualitative approach and the bibliographic survey was carried out in the CAPES Periodicals Portal, specifically in the Web of Science and Scielo databases, as well as in the Tourism Publications Website and Google Scholar websites. The results allowed us to identify elements for managing tourism and hospitality experiences in

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. E-mail: [biancarmybarbosa@gmail.com](mailto:biancarmybarbosa@gmail.com) – ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5199-577X>

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. E-mail: [doresgrechi@gmail.com](mailto:doresgrechi@gmail.com) – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4481-0166>

Traditional Communities, as well as construct categories and levels for these management practices, pointing out important guidelines for building transformative tourist relationships.

**Key words:** Identity, community, experience, belonging, categories.

**Resumen:** El creciente enfoque en la necesidad de experiencias turísticas auténticas, que generen bienestar y transformación para visitantes y anfitriones, ha estimulado el debate y la construcción de productos turísticos más allá de lo convencional. Al mismo tiempo, el exceso de tecnología ha llevado a algunos consumidores a buscar intercambios sociales reales, que promuevan un mayor contacto con la naturaleza y comunidades únicas. Por lo tanto, la investigación se propone, como objetivo general, comprender la relación teórico-empírica de las prácticas de hospitalidad turística en Comunidades Tradicionales y, además, identificar categorías que expliquen los conceptos presentes en las definiciones de hospitalidad; buscar elementos constitutivos del turismo en Comunidades Tradicionales y verificar la aplicación de conceptos de hospitalidad a partir de los enfoques utilizados en los territorios investigados. La investigación tuvo un enfoque exploratorio, cualitativo y el levantamiento bibliográfico se realizó en el Portal de Revistas Periódicos de la CAPES, específicamente en las bases de datos Web of Science y Scielo, así como en los sitios de Publicaciones de Turismo y Google Scholar. Los resultados permitieron identificar elementos para la gestión de experiencias turísticas y de hospitalidad en Comunidades Tradicionales, así como construir categorías y niveles para estas prácticas de gestión, señalando lineamientos importantes para la construcción de relaciones turísticas transformadoras.

**Palabras clave:** Identidad, comunidad, experiencia, pertenencia, categorías.

## 1 Introdução

De maneira geral, a hospitalidade e suas distintas abordagens para os estudos do turismo, tais como, dádiva (Mauss, 2003), hábitos e costumes (Gotman, 2019), incondicionalidade (Derrida, 2000), virtude moral (Tasci, 2016) e responsabilidade ética (Levinas, 1980), tem se mostrado uma lente teórica capaz de auxiliar nas análises de diferentes contextos e situações, tanto no âmbito empresarial, quanto antropológico, e, inclusive, no que se refere à populações e comunidades singulares ou tradicionais.

O Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) juntamente com a Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (CIMOS), em 2014, elaboraram uma cartilha que definia as comunidades e povos tradicionais como grupos de pessoas que possuem modos próprios de viver, ser e fazer, compartilhando de uma mesma cultura, costumes, tradições e crenças que perpassam gerações. Além disso, a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT) elaborou uma cartilha em 2019 que trazia que essas comunidades detém um amplo conhecimento sobre a natureza e usufruem dela de maneira sustentável. Ademais, no Brasil há uma variedade de comunidades e povos tradicionais que se diferem por suas características únicas, alguns deles são os extrativistas, caiçaras, pantaneiros, indígenas, ciganos, quilombolas, entre muitos outros. (CNPCT,2019; MPMG & CIMOS, 2014)

A diversidade de comunidades que ainda existem e resistem no mundo e no Brasil, contrapondo à dominação do que é universalizado e global por meio de saberes e fazeres singulares e, ao mesmo tempo, o avanço dos não lugares e da ditadura imposta pelo consumo em massa, justificam a importância de investigar as práticas de hospitalidade, a forma de cada um de receber, de acolher, conforme sua cultura, costumes e contexto histórico, pois isso é o que torna um povo único e constitui parte de sua identidade. Além disso, os viajantes têm adquirido maturidade e informação ao ponto de demandarem cada vez mais serviços personalizados e únicos, o que estimula a preservação de rituais e tradições de muitas comunidades e, também, a educação dos visitantes, ampliando a visão de mundo e o autodesenvolvimento.

Segundo alguns autores (Lynch & MacWhannell, 2004), a hospitalidade doméstica é matéria-prima para a construção dos demais espaços de hospitalidade, como a hospitalidade pública, comercial e virtual (Camargo, 2004). Desta forma, o fato de existirem diferentes comunidades significa que existem diferentes formas e práticas de hospitalidade, as quais precisam ser identificadas, analisadas e registradas com o objetivo de não se perderem ou até mesmo extinguírem-se. Além disso, o turismo é uma atividade intensiva em experiências e emoções. Cada vez mais, certos tipos de consumidores buscam relacionar-se com destinos e produtos que tenham identidade bem definida e sejam autênticos. Pesquisas com comunidades consideradas tradicionais podem proporcionar histórias diferentes daquelas transmitidas pelas tradicionais propagandas turísticas. A preocupação com a singularidade de cada local também foi ressaltada por Lashley para Spolon (2016, p.206) quando ele solicitou a esta autora que buscasse no Brasil "histórias que não fossem tão comuns e que ajudassem o leitor estrangeiro a perceber um Brasil que não é o dos cartões- postais e dos grandes eventos". Na ocasião, o anseio do autor era reunir em uma obra as diferentes perspectivas sobre a hospitalidade, o que acabou resultando no livro *The Routledge Handbook of Hospitality Studies* (2016).

Diante do cenário posto, este estudo estabeleceu como questão de pesquisa a seguinte pergunta: Quais os aspectos teóricos e as abordagens empíricas da hospitalidade na prática do turismo em comunidades tradicionais? De modo a responder tal questionamento formulou-se como objetivo geral: compreender a relação teórico-empírica das práticas de hospitalidade no turismo realizado em comunidades tradicionais. Complementarmente, outros objetivos específicos foram assim estabelecidos: identificar categorias que explicam diferentes conceitos

presentes nas definições de hospitalidade, buscar quais são os elementos constituintes do turismo em Comunidades Tradicionais e verificar a aplicação dos conceitos de hospitalidade a partir de abordagens empíricas do turismo já desenvolvidas nessas comunidades.

Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia compreendeu revisão teórica de diferentes abordagens sobre a hospitalidade e suas práticas, bem como, estudos que tratassem do turismo em Comunidades Tradicionais sob o prisma da hospitalidade e de suas práticas nos diferentes tempos do ciclo do acolhimento comercial (Camargo, 2001). A pesquisa teve uma abordagem exploratória de caráter qualitativo e o levantamento de material foi realizado no Portal de Periódicos da CAPES, especificamente nas bases da *Web of Science*, *Scielo*, Publicações de Turismo e Google Acadêmico. Para a busca nas plataformas de pesquisa, utilizaram-se filtros como: artigos de até cinco anos atrás, trabalhos que continham as palavras hospitalidade, comunidades tradicionais e povos tradicionais em seus títulos, resumos e palavras chaves, nos idiomas em língua portuguesa, inglesa e espanhola. Com a pesquisa, espera-se contribuir, de forma sistematizada, com os estudos e práticas turísticas que sirvam de inspiração para um turismo mais humanizado, responsável e transformador.

## **2 Abordagens teóricas sobre hospitalidade e suas práticas**

A hospitalidade é fundamentada principalmente pela generosidade de acolher o outro, é a dádiva do acolhimento de forma espontânea. As relações entre o anfitrião e o hóspede se baseiam em uma dinâmica ancestral do dar, receber e retribuir. O ato de dar é uma forma de expressar a hospitalidade, bem como uma ação genuína de acolher sem esperar nada em troca. Em contraste, vemos que quem recebe fica em dívida com o donatário, tendo como única moeda para sua quitação, o retribuir. Portanto, essa retribuição deve ser realizada de maneira a demonstrar a gratidão e apreciação pela hospitalidade do anfitrião (Camargo, 2004).

Lashley (2015) traz a perspectiva de que, nos esquemas morais da sociedade, ser hospitaleiro é uma obrigação. Contudo, essa obrigação faz a hospitalidade deixar de ser genuína. Deste modo, o ato da hospitalidade coloca o anfitrião em teste, de maneira a medir a capacidade dele em se adaptar às necessidades do seu hóspede, partindo da ideia de que o hóspede espera ser

bem acolhido e que, deste modo, haja a atitude de aceitação de seus hábitos e costumes (Gotman, 2019).

Ao se pensar em hospitalidade, logo se associa à relação dos atos prestados entre aquele que acolhe e aquele que é acolhido, no entanto, é algo mais complexo do que esse simples vínculo. Faz-se necessário pensar que ambos devem tentar ao máximo ser hospitaleiros um ao outro, para que esse ritual de acolhimento seja agradável mutuamente, para que desta forma não se faça presente neste meio à hostilidade e a inospitalidade (Camargo, 2021).

A comunicação verbal é a chave para que haja um bom entendimento entre o anfitrião e o hóspede, a fim de aproximá-los e involuntariamente usufruírem da genuína hospitalidade. Contudo, a comunicação nem sempre é somente verbal, ela pode ser não-verbal, sendo realizada por um ato de serviço, contato físico, gestos e expressões faciais. Por isso, em certas situações é preciso uma compreensão e percepção mais aguçada para identificar nas entrelinhas o ato do acolhimento, tanto por parte de quem acolhe, quanto por quem é acolhido (Brusadin, 2016).

Conforme as pesquisas de Campos (2008), na antiguidade a hospitalidade era apenas o ato de oferecer abrigo e alimento para os viajantes, contudo com o início do capitalismo e expansão de cidades, a hospitalidade passou a ser uma atividade comercial, ou seja, começaram a se popularizar os hotéis, estabelecimentos e restaurantes que precificaram o que antes era apenas um ato de acolhimento. Atualmente a hospitalidade se tornou algo ensaiado no que se trata a hospitalidade comercial e pública, pois há um afastamento e cuidado ao criar vínculo com quem deveria ser acolhido, deste modo a hospitalidade deixa de ser sincera e calorosa (Brusadin, 2016a).

Dentro das categorias de análise sobre a hospitalidade, faz-se presente a hospitalidade em questões como a dádiva (Mauss, 2003); os autores Guimarães e Camargo (2017) utilizam em seu trabalho a hospitalidade significando empatia, ou seja, perceber o outro e acolher sem olhar a quem. Derrida (2000) defende que a hospitalidade verdadeira é incondicional, no entanto, existem leis estabelecidas em hábitos e costumes da sociedade em diferentes momentos os quais se relacionam ao ato de acolher, trazendo à tona deveres e direitos dessa hospitalidade para quem acolhe e quem é acolhido (Soares, 2010, p.164). Tasci (2016) categoriza a hospitalidade como virtude moral, um traço de personalidade, ou seja, a pessoa nasce com essa característica de ser verdadeiramente hospitaleiro, ou seja, seria algo intrínseco a cada um. Além disso, evidencia-se

a categoria estabelecida por Levinas (1980), que vê a hospitalidade como uma responsabilidade ética, é a questão de quem acolhe ser totalmente responsável por quem é acolhido, até mesmo pela alteridade do acolhido, é o fato de não esperar receber nada em troca por sua hospitalidade (Soares, 2010, p 175).

Além dos conceitos abordados na revisão teórica acima, o quadro 1 a seguir faz uma síntese de categorias que servem para explicar a hospitalidade. Tais categorias foram extraídas de Camargo (2021).

**Quadro 1** - Categorias que explicam diferentes conceitos de hospitalidade ou da falta dela

<b>Categorias utilizadas para definir a hospitalidade</b>	<b>Conceitos</b>
Urbanidade	Rituais de civilidade advindas da convivência na sociedade moderna, relações frias e distantes.
Hospitalidade neutra	Interação mecanizada, impessoal no âmbito das grandes cidades, ou seja, as relações cotidianas nos ambientes públicos.
Hospitabilidade	Pessoa que tem apreço genuíno por servir e acolher o outro.
Reciprocidade	Sentimento mútuo entre quem recebe e quem é recebido, ou seja, o anfitrião acolhe incondicionalmente e o hóspede retribui a gentileza prestada.
Compensação	Aceitar a dádiva e recompensar seu anfitrião, ou seja, o hóspede anula sua dívida.
Inospitalidade	É a não interação, a exclusão e o isolamento de um para o outro simplesmente pelo desinteresse e desconsideração, ou seja, o ato de ignorar.
Hostilidade	Tratamento com raiva, antipatia, desrespeito e desprezo, isto é, um ato de agressividade.
Assimetria	É o entendimento do domínio do anfitrião sobre o seu espaço compartilhado e os limites e regras que são impostas subjetivamente para o hóspede. Quem recebe é vulnerável.

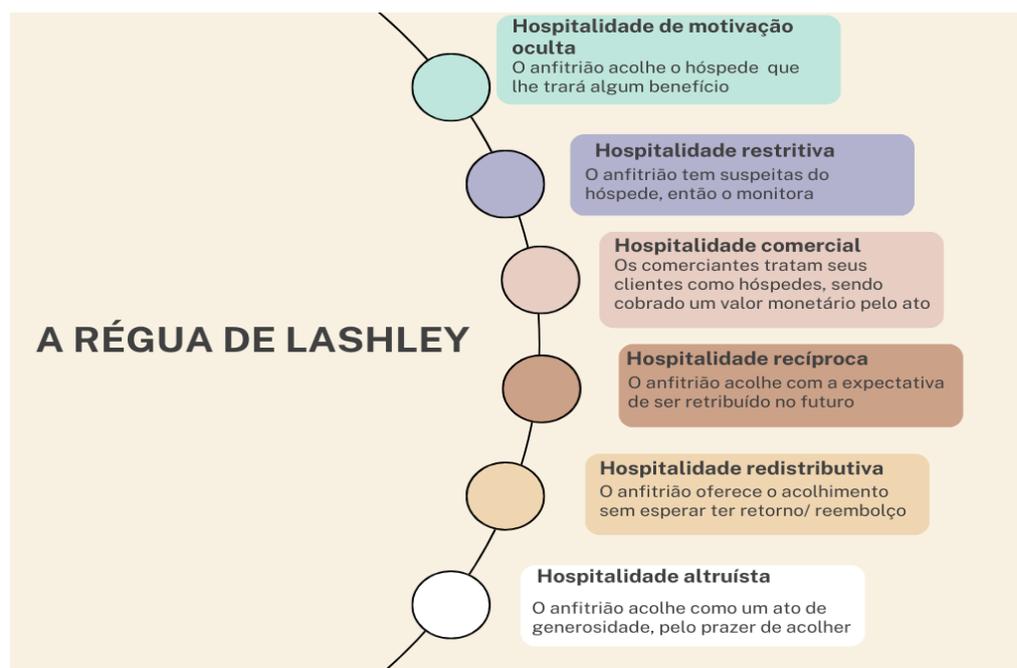
**Fonte:** elaboração própria a partir de Camargo (2021).

Analisando o quadro síntese, identifica-se que os estudos da hospitalidade a apresentam como um conceito multivariado, transitando entre enfoques positivos e outros negativos, estes últimos quando se referem a sua ausência. Na abordagem positiva destacam-se palavras como:

regra, relações cotidianas, apreço genuíno, honra mútua e compensação/retribuição. Na abordagem negativa tem-se vulnerabilidade, desinteresse, desconsideração e agressividade. Estes dois enfoques antagônicos deixam claro como é volátil o equilíbrio estabelecido nas trocas sociais, podendo passar de um ao outro com rapidez.

Na mesma linha, Lashley (2015) discute e aponta seis tipos de hospitalidade, diferenciando-os a partir da motivação para o acolhimento, com base em autores como Telfer (2000) e Derrida (2000). Ele destacou que nem todo anfitrião realiza a hospitalidade genuinamente, podendo ter motivações para benefício próprio. Posteriormente essa análise ficou conhecida como a régua de Lashley, a qual pode ser vista na figura 1, sendo que de baixo para cima tem-se uma variação que percorre o sentido da hospitalidade mais altruísta e natural, até aquele estágio em que a hospitalidade possui interesses ocultos. No entremeio da régua é possível identificar que a hospitalidade comercial se encontra numa posição em que permite, tanto um comportamento para o lado da hospitalidade genuína, quanto para o lado da hospitalidade encenada. Dependendo da característica e da cultura de cada empresa (Lashley, 2015).

**Figura 1** - Régua de Lashley



**Fonte:** Adaptado de Lashley (2015).

Santos e Perazzolo (2012) apresentam a hospitalidade como um fenômeno que se torna indispensável para a socialização, de modo a introduzir o outro em seu espaço pessoal, abrindo-se para novos conhecimentos e trocas emocionais e afetivas. Neste cenário é essencial entender a relação da hospitalidade em um campo de interpretação singular e coletivo. Na visão singular da prática da hospitalidade, presencia-se a relação mútua entre o anfitrião e o hóspede baseados no ato do acolhimento, onde há o gesto do acolher genuíno e exclusivo para o hóspede. Na perspectiva coletiva se tem uma dinâmica mais complexa, observando-se a relação do acolhimento entre comunidades ou instituições com recursos para garantir uma impressão positiva e de segurança para seus visitantes.

Por conseguinte, a hospitalidade nesse aspecto coletivo expressa a forma como uma comunidade ou população significa e expressa a hospitalidade. Desta maneira, torna-se necessário entender as características, costumes e hábitos que tornam cada comunidade singular e original e, partindo disso, compreende-se a prática do acolhimento de determinados povos (Santos & Perazzolo, 2012).

### **3 Elementos presentes no turismo em Comunidades Tradicionais**

Os povos e comunidades tradicionais no Brasil são definidos como populações que se destacam por possuir condições de ordem cultural, social, religiosa e econômica exclusivas, de modo a gerar vínculo com o meio ambiente e território em que estão estabelecidos. Esses grupos têm como característica principal os modos de fazer, viver e de ser, os quais marcam sua identidade única. Além disso, o fator central comum que determina esses modos de fazer, viver e ser é a ancestralidade, pois é a partir dela que há o simbolismo do território, dos seus meios de produção (como o plantio, o extrativismo, artesanato, festas e ritos) e a sua organização social (MPMG & CIMOS, 2014).

O Brasil possui muitos tipos de povos e comunidades tradicionais, tais como: apanhadores de flores-vivas, caiçaras, comunidades do cerrado, extrativistas, faiscaidores, faxinalenses, fundo e fecho de pasto, geraizeiros, pantaneiros, pescadoras e pescadores artesanais, pomeranos, povos ciganos, povos e comunidades de terreiro, povos indígenas,

quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, sertanejos, seringueiros, vazanteiros, veredeiros e quilombolas (CNPCT,2019; MPMG & CIMOS, 2014).

Baptista (2008) apresenta a perspectiva de que os lugares onde se pratica a hospitalidade são marcados pela identidade do anfitrião e essa identidade é percebida através da ambientação do local e do calor humano envolvido no ato hospitaleiro, pois, é por meio da alteridade que se alcança a capacidade de acolher o outro e partilhar um vínculo de reconhecimento e amabilidade. A identidade, por sua vez, está em constante desenvolvimento, visto que sua contínua formação é influenciada pelos ambientes, pessoas e sistemas culturais aos quais está em contato. A identidade ainda pode ser entendida como a busca incessante da conexão com suas origens e raízes culturais, ou ainda, a reconstrução da identidade moldada pelas influências de culturas, histórias e políticas distintas da sua de origem (Hall, 2006a).

De acordo com Ikawa e Santos (2015) o que leva um indivíduo a fazer a visitação a um destino ou comunidade é o desejo de viver algo distinto ao seu habitual e a hospitalidade será a lente a qual esse visitante julgará sua experiência de trocas sociais e cognitivas. Logo, a experiência se tornará positiva se esse sujeito estabelecer relações e vínculos que remetam à ideia de acolhimento, segurança e afeto com a população local. A apreciação das práticas da cultura no âmbito social da população anfitriã contribui para o aspecto cognitivo e a experiência do visitante. Mas o que seriam as práticas de cultura? O conceito de cultura já foi definido a partir de muitas abordagens. Hall (2006a) entende cultura como o sentimento de lealdade e identificação de um povo como nação, através da religião e língua. Já Cosgrove e Jackson (1987) caracterizam a cultura como a maneira em que a sociedade concede valor e significado a eventos cotidianos. Ademais, Han (2021) pensa que a cultura nos auxilia a dar sentido às experiências humanas e a nos conectarmos com os grupos sociais, de modo a nos sentirmos pertencentes. Entende-se por cultura as falas, fazeres, festividades, comidas, expressões religiosas e lugares, transmitidos de geração para geração. Desse modo, todas essas experiências se tornam símbolo da identidade de um povo (Santos, 2004; Hall, 2006a).

Imbricado com a cultura está o conceito de ancestralidade, que segundo Santos (2004, p.149) pode ser entendido como: "Os elementos constitutivos de meu próprio processo identitário e que, por sua vez, estão presentes no mito de origem de meu grupo cultural, da própria sociedade; percebemos também que eles são atualizados constantemente". Oliveira (2009) apresenta sua

perspectiva em relação à ancestralidade em meio às comunidades afrodescendentes e sua importância como resistência da cultura afro-brasileira. Sendo assim, a ancestralidade é responsável por enraizar os costumes, princípios, hábitos e a cultura do saber dos mais velhos nas novas gerações, um meio de não se perder a sabedoria do passado, servindo como um escudo contra os impactos negativos do turismo. Quem não sabe quem é corre o risco de sofrer mais impactos negativos quando da chegada das frequentes inovações e do turismo.

O território não é um espaço qualquer, é um local permeado pela cultura e identidade, no qual as tradições simplificam os processos de relacionamento e trocas sociais (Han, 2021). Para Valduga (2017), o território pode significar a naturalização da cultura, ou seja, assume caráter de pertencimento ao indivíduo que identifica dado território como terra natal ou até mesmo como suas raízes culturais. Desta forma, para considerar que o turismo ocorre num espaço físico em forma de território, é essencial ressaltar o fator cultural, visto que ele é elemento constituinte da identidade individual e coletiva de um povo ou comunidade para o outro/estrangeiro. Para que haja hospitalidade, deve haver um território anfitrião para que, assim, haja recepção e acolhimento do visitante, ou seja, daquele não pertencente àquele território.

Contudo, o visitante, ao mesmo tempo que busca uma experiência singular de conhecimento de um território diferente do seu, procura por padrões de acolhimento, fazeres e serviços que ele identifica como apropriado e habitual. Assim, nessa busca e interação entre o visitante e a população visitada, elaboram-se visões de mundo distintas e enriquecedoras (Perazzolo, Santos & Pereira, 2013). Equilibrar tradição e serviço/experiência de qualidade em uma comunidade tradicional exige que se considere, ainda, o conceito de autenticidade, que para Corbari e Souza (2021) significa aquilo que é genuíno, que leva a marca de uma tradição e crenças preservadas, ou seja, é o que desperta o desejo dos turistas de visitar uma comunidade em busca da experiência de seu imaginário. Ademais, Han (2021, p.31) define a autenticidade como a integridade da sua própria originalidade.

Uma forma de desenvolver o turismo em comunidades tradicionais pode ser o turismo de base comunitária (TBC). O TBC é uma forma de fazer turismo para aqueles visitantes que buscam uma experiência autêntica e tranquila em um ambiente em meio a natureza, onde os moradores locais possam levá-los a viver o dia a dia da comunidade visitada. A comunidade rege e planeja o desenvolvimento das atividades turísticas no local, de modo a ter mais envolvimento

e poder zelar pelo acolhimento do visitante. Dessa maneira, a comunidade se beneficia no aspecto sociocultural e econômico e minimiza impactos negativos (Guizi, Farias & Marchesini, 2017).

Outrossim, a hospitalidade é ligada à comensalidade, esse ato de compartilhar sua companhia e refeição com o outro, visa a inclusão do visitante ou hóspede em seu lar, em seu lugar de pertencimento. A oferta da refeição ao visitante, a aceitação por parte dele e, depois, a sua retribuição (até mesmo em forma de pagamento) representará a trilogia do acolhimento (dar, receber e retribuir), a qual evitará possíveis hostilidades (Faltin & Minasse, 2019).

Desta forma, o turismo em comunidades tradicionais é passo importante para o desenvolvimento econômico local, contudo se faz necessário entender as práticas hospitaleiras da comunidade para que haja a criação de uma conexão significativa entre os locais e os visitantes. Cabe ressaltar que a hospitalidade é parte intrínseca a cada cultura, considerando que os modos do acolhimento, valores e identidade do anfitrião moldarão como a prática da hospitalidade será exercida (Brusadin & Netto, 2016).

Em seu estudo, Tasci, Aktas e Acikgoz (2021) trazem a perspectiva de que as práticas de hospitalidade variam não somente pela cultura do anfitrião, mas também pela cultura do hóspede, deste modo, o ato de acolhimento poderá ter um tratamento diferenciado e único. Nesse aspecto, no planejamento do turismo em comunidades tradicionais é essencial pensar e desenvolver estratégias de aprendizado sobre o modo de vida e hábitos de ambos os grupos a fim de evitar preconceito e conflitos culturais. Para Rejowski e Ferro, acolher o outro seria: "Tanto uma manifestação, quanto uma expressão da cultura local" (p.441, 2023). Por isso, é fundamental construir estruturas e práticas de hospitalidade comercial alinhadas a um turismo responsável e autêntico, principalmente em territórios pertencentes às comunidades consideradas tradicionais.

As autoras Camilotto e Santos (2022) expõem sua definição sobre tradição, a qual consideram como um conjunto de práticas culturais que são transmitidas ao longo do tempo, entre elas estão as festividades, rituais e comidas típicas que podem sofrer modificações, mas sem perder suas raízes originais simbólicas. Nesse cenário, as autoras falam sobre o tradicionalismo gaúcho, que através de CTGs (Centro de Tradição Gaúcha) mantém vivo o culto à tradição gaúcha, de maneira a realizar apresentação de músicas e danças, fazerem e consumirem churrasco, chimarrão e organizarem os rodeios.

Na tentativa de ilustrar as amarrações teóricas desenvolvidas acima, elaborou-se um esquema gráfico (figura 2) para sintetizar a conexão entre elementos presentes no turismo em comunidades tradicionais. A figura consiste em quatro elementos e seus respectivos conceitos, permitindo visualizar a interdependência entre eles na construção de experiências turísticas nestas comunidades.

**Figura 2:** conexão entre os elementos presentes no turismo em comunidades tradicionais



**Fonte:** elaborado pela autora a partir de Santos (2004), Camilotto e Santos (2022) e Hall (2006a).

#### 4 Procedimentos metodológicos

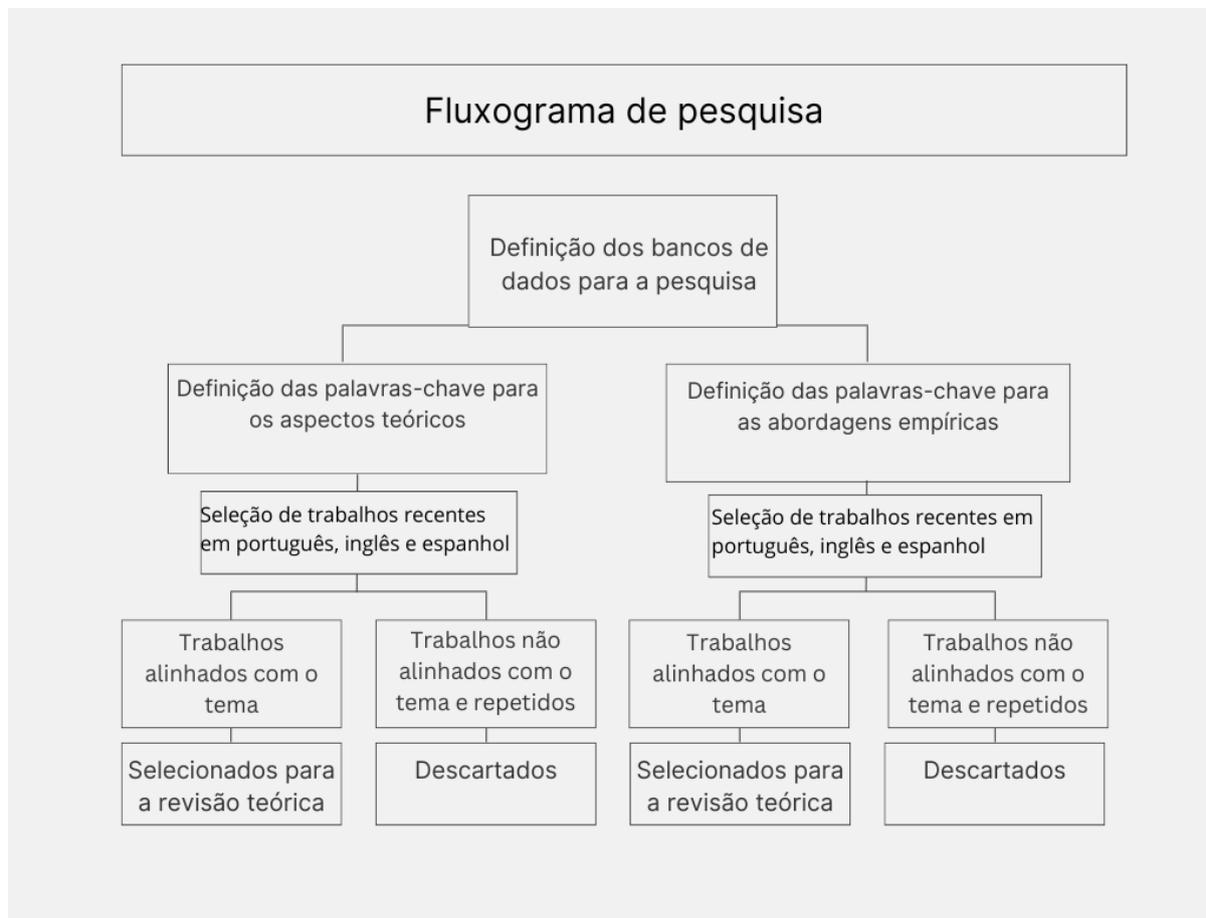
No presente estudo utilizou-se da pesquisa bibliográfica para a compreensão teórica da hospitalidade e algumas de suas diversas categorias, além do entendimento de conceitos como

identidade, tradição, ancestralidade, cultura e autenticidade ligados às comunidades e povos tradicionais brasileiros, de modo a buscar a relação entre esses os conceitos convencionais das práticas da hospitalidade e o que realizam essas populações tradicionais. A pesquisa teve uma abordagem exploratória de caráter qualitativo e o levantamento de material foi realizado pelas plataformas: Portal de Periódicos da CAPES (*Web of Science* e *Scielo*), Publicações de Turismo e Google Acadêmico. Além disso, realizou-se uma busca manual na Revista Hospitalidade no intuito de identificar artigos que tivessem abordagens teórico-conceituais sobre o estudo da hospitalidade.

Para a busca nas plataformas de pesquisa, utilizaram-se os seguintes filtros: artigos entre 2019 e 2023, que contivessem as palavras hospitalidade, comunidades tradicionais e povos tradicionais em seus títulos, palavras-chave ou resumos, nos idiomas português, inglês e espanhol, no entanto, nos idiomas estrangeiros foram selecionados poucos trabalhos por conta de não se enquadrarem no critério de seleção. Esse recorte de tempo foi escolhido para que tivesse uma pesquisa com estudos mais atuais, contudo foram utilizados artigos de outros anos por serem clássicos sobre a conceituação da hospitalidade. Para a escolha do material usado na revisão bibliográfica, seguiu-se como principal critério trabalhos cujos enfoques eram teórico-conceituais a respeito da hospitalidade e, posteriormente, pesquisas empíricas, com enfoque em estudos sobre as práticas de hospitalidade aplicadas em comunidades tradicionais.

Ademais, como estratégia de busca foram usadas as seguintes palavras-chave: hospitalidade, povos tradicionais e hospitalidade; hospitalidade quilombola; hospitalidade indígena; hospitalidade e cultura; hospitalidade e ancestralidade; hospitalidade e comunidade; hospitalidade e identidade; hospitalidade e base comunitária. Todas as palavras foram pesquisadas entre aspas, sendo realizada a pesquisa no período da primeira quinzena de dezembro de 2023. A figura 3 apresenta um esquema gráfico sobre os caminhos da revisão teórica realizada.

**Figura 3:** Fluxograma de pesquisa bibliográfica



**Fonte:** elaboração própria com base em Sonaglio, 2018.

## 4. Análise e discussões

### 4.1 Hospitalidade e comunidades tradicionais: abordagens empíricas

A exploração da hospitalidade em comunidades tradicionais, demanda uma mediação específica em virtude da preservação da identidade dessa população que acolhe e em função da preservação da singularidade da experiência de quem é acolhido. Deste modo, cabe a esse mediador entender as barreiras que a comunidade impõe em alguns aspectos e destacar o que se tem de mais autêntico para uma vivência memorável da cultura e das tradições locais para os visitantes (Thibodeaux, 2023).

O turismo em comunidades e povos tradicionais implica na hospitalidade de domínio privado, ou seja, a um relacionamento mais interativo e íntimo entre o turista e a comunidade anfitriã. Nesse contexto, há a manifestação da cultura da comunidade, presente na maneira de recepcionar, de partilhar alimento, entreter ou demonstrar e apresentar suas crenças, artes e costumes (Bitelli & Bastos, 2018).

Para a visitação às comunidades e povos tradicionais ser bem sucedida se faz necessário um bom planejamento local para que a comunidade visitada entenda primeiro a importância de sua história, de seus patrimônios culturais, naturais e suas crenças e costumes, para que deste modo os visitantes consigam apreciar uma imersão nessa cultura distinta da sua. Ademais, é através da prática da hospitalidade que haverá um bom relacionamento entre a comunidade anfitriã e os visitantes e, a partir disso, uma boa experiência turística (Rosa & Fogaça, 2015).

Como os autores Guizi, Farias e Marchesini (2017) destacam em seu estudo, as práticas da hospitalidade se apresentam de maneiras distintas de acordo com a comunidade tradicional visitada, contudo seguem a base do bem-receber, do entreter e alimentar o seu hóspede/visitante sem perder seu protagonismo nesse relacionamento hospitaleiro.

Budel, Severini e Rejowski (2023) abordam sobre os ritos da hospitalidade na comunidade ribeirinha Mangabeira, que possuem raízes de origem indígena e de matriz africana. Para essa comunidade a mandioca se apresenta como um símbolo sagrado e ancestral. Visto isso, a anfitriã que recebe os visitantes é a mestre farinheira e ela é a responsável pelo acolhimento dos visitantes desde o primeiro contato. Para a recepção dos hóspedes, há o ritual do tacacá, onde a comunidade se reúne em um círculo, compartilham a refeição e suas experiências de vida. Em seguida, a anfitriã apresenta todas as fases do cultivo da mandioca até a preparação de seus pratos, onde nesse momento reafirmam sua identidade e ancestralidade e criam um vínculo com os hóspedes por ensinar sobre seus saberes e fazeres.

Os caiçaras, uma comunidade tradicional que vive na base da pesca artesanal e da agricultura, recebem os visitantes que chegam em busca de lazer em função das atividades náuticas e culturais da localidade. Os locais recepcionam os visitantes e os direcionam às casas em que farão o pernoite, o que os leva a ficar em contato direto com o modo de vida dessa comunidade. Esse contato desde a recepção, alojamento e auxílio nas trilhas, demonstra o desejo genuíno de acolhimento da comunidade para os visitantes que chegam (Scorsato, 2006).

Silva e Rossini (2020) abordam a hospitalidade das louceiras na Comunidade do Maruanum, que recebem os visitantes, contam sobre o modo de produção das cerâmicas, oferecem a refeição e fazem apresentações culturais. É deste modo que elas valorizam suas raízes e mantêm seu patrimônio cultural. Apesar dessa comunidade não cobrar por esse acolhimento, espera-se que, a partir da troca e da conexão estabelecida, os visitantes comprem suas cerâmicas como forma de retribuição.

Beares e Cabral (2008) definem que a hospitalidade pode ser entendida como um conjunto de símbolos<sup>3</sup> que representam a maneira como as pessoas acolhem e cuidam de alguém que não pertence ao seu convívio. Deste modo, nota-se, como símbolos de hospitalidade da comunidade indígena, mostrar aos visitantes os locais preferidos e sagrados, além do cuidado especial do cacique em recepcionar na língua dos visitantes e não em sua língua nativa. Na continuação do estudo, foi explorada uma segunda comunidade, neste caso, quilombola. Para os quilombolas os símbolos são a recepção calorosa da guia que contou a história do surgimento do quilombo e suas práticas e organizações, além da partilha de uma refeição preparada com alimentos produzidos pela comunidade.

Guedes e Bastos (2017) abordam como em meio ao regime escravo a comunidade quilombola coletivamente desenvolveu vínculos com pessoas de etnia, religião, língua e cultura distintas das suas por compartilhar de um mesmo ideal, a liberdade. Essas relações sociais estabelecidas que esses grupos desenvolveram através do acolhimento são, mesmo que inconscientemente, a prática da mais genuína hospitalidade. Contudo, na realidade atual do Brasil com o racismo estrutural e a invisibilidade de comunidades tradicionais, a principal apreensão é de que não haja a devida preservação da cultura e história material e imaterial dos negros. De forma a sintetizar possíveis categorias recolhidas pela análise de diferentes publicações envolvendo hospitalidade e comunidades tradicionais, elaborou-se o quadro 2.

---

<sup>3</sup> Segundo as autoras Dias e Moya (2015, p.102) o símbolo pode ser definido como “um elemento de síntese, facilitador no deciframento de mensagens e, talvez, passível de orientar um delineamento de conceitos de hospitalidade”. De modo geral, os símbolos comunicam valores, crenças e normas relacionadas ao acolhimento.

**Quadro 2** - Categorias para abordagens empíricas da hospitalidade em comunidades tradicionais

<b>Categorias</b>	<b>Conceitos</b>
Comensalidade	É o ato em que o anfitrião compartilha sua refeição com o hóspede, desenvolvendo uma relação sociável em função da companhia.
Coletividade	É a cooperação presente na comunidade anfitriã para a organização e recepção dos visitantes.
Recepção	É o processo de acolhimento, interação e compartilhamento de vivência entre a comunidade anfitriã e seus visitantes.
Encontro	É a ocasião em que acontece a conexão e intercâmbio cultural entre o anfitrião e o visitante.
Interpretação	É a conscientização da comunidade sobre a importância de seu patrimônio cultural e sua transmissão com informações relevantes para seus visitantes.
Mutualidade	São as trocas genuínas, onde o anfitrião acolhe e recebe o hóspede e ele como agradecimento contribui financeiramente.

**Fonte:** elaboração própria a partir de Warde, Paddock e Whillans (2020), Scorsato (2006), Silva e Rossini (2020) e Rosa e Fogaça (2015).

A partir das categorias apresentadas, é possível identificar que todas elas incorporam a questão da relação, mas, apesar disso, cada uma possui uma especificidade, ou seja, um jeito próprio de representar a troca social. Além disso, essas categorias refletem como a hospitalidade é presente para cada comunidade e povo tradicional, seja no contato e interação ao receber o visitante ou na partilha dos alimentos, conhecimentos, histórias, rituais religiosos e apresentações artísticas. Ademais, cada categoria apresentada é única e especial para cada comunidade, representando a verdadeira herança do processo de dar-receber-retribuir.

Em síntese, se faz necessário o entendimento dos rituais de hospitalidade para cada comunidade e povo tradicional para que se pense o desenvolvimento turístico responsável e alinhado com a identidade de cada território. Deste modo, destaca-se a importância da preservação da identidade e raízes históricas e culturais dessas comunidades para a garantia de uma autêntica experiência para os visitantes.

#### **4.2 Relação teórico-empírica das práticas de hospitalidade no turismo realizado em comunidades tradicionais**

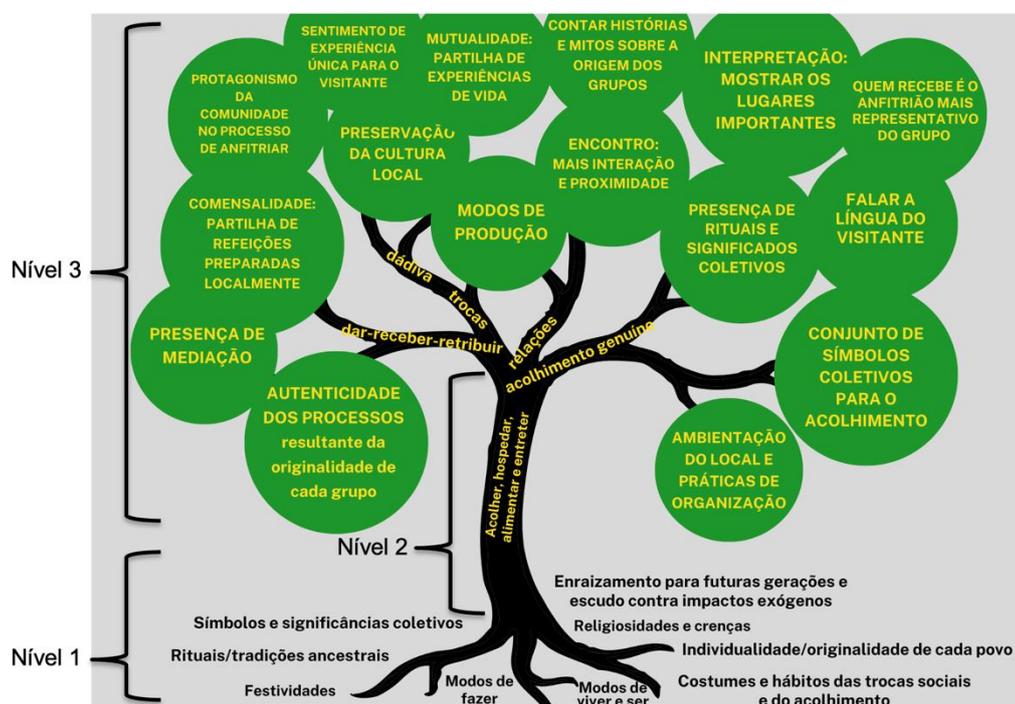
Diante dos dados expostos, percebe-se que a hospitalidade é um conceito multifacetado e multivariado, ou seja, é detentor de várias interpretações, seja pela lente comercial, pública ou, até, nas relações pessoais desenvolvidas no cotidiano de um indivíduo ou comunidade. Contudo, a hospitalidade, na maior parte das vezes, assume o caráter da dádiva, do genuíno acolhimento (Mauss, 2003), entrelaçando-se na tríade do dar, receber e retribuir (Mauss, 2018), na qual há trocas mútuas com o benefício de uma boa experiência entre quem acolhe e quem é acolhido. Lashley descreve, em sua entrevista para Brusadin (2016b), como é a dinâmica da relação mantida no acolhimento, onde o anfitrião se sensibiliza a suprir as necessidades do hóspede e o hóspede adapta-se ao comportamento de seu anfitrião de modo a ser grato pela hospitalidade. Ademais, ao se tratar do turismo em comunidades e povos tradicionais se faz necessário entender as práticas de hospitalidade inerentes a cada povo, visto que a experiência do acolhimento se justapõe com a cultura e os costumes de uma comunidade, pois “cada comunidade possui comportamentos próprios, produto de sua experiência cultural, que a distingue das demais e somente podem ser entendidos a partir de sua referência histórica particular” (Beares & Cabral, 2008, p.20-21). Assim, , cada experiência nesse acolhimento exala singularidade.

Neste cenário, os elementos presentes no turismo em Comunidades Tradicionais compreendem categorias fundamentais para quaisquer análises realizadas em tais territórios. Essas categorias estão intrinsecamente relacionadas, sendo que a ancestralidade é a origem dos saberes e fazeres, é o que molda nossa identidade e sentimento de pertencimento, transitando entre passado e presente. Hall (2006b) traz, em sua perspectiva, a identidade cultural como um modo de ser autêntico compartilhado por um povo, moldada ao longo do tempo por tradições ancestrais que vão se adaptando e incorporando novas influências. Nesse viés, a cultura abrange os costumes, festividades, religiosidades, crenças e tradições passados por nossos antepassados, sendo também parte de nossa identidade. Por sua vez, a identidade define quem somos e é diretamente influenciada por nossa ancestralidade e herança cultural. Por fim, a tradição compreende as práticas culturais que formam nossa herança ancestral, ou seja, os rituais, histórias, fazeres e saberes transmitidos ao longo das gerações, permitindo saber quem somos e

de onde viemos, permitindo fortalecer conexões entre pessoas e seus territórios ou, até mesmo, a construção de novas territorialidades em outros tempos e espaços, outrossim, entender que o espaço que uma comunidade ocupa é uma “herança cultural fortemente territorializada” (Valduga, 2017, p. 15), pois reflete a formação de identidade e pertencimento de um povo.

Em vista disso, observa-se que as práticas da hospitalidade variam de acordo com as comunidades e povos tradicionais, porém, compartilham a mesma base (acolher, hospedar, entreter e alimentar o visitante). Além disso, notou-se nas categorias intrínsecas à hospitalidade em comunidades e povos tradicionais a comensalidade, a coletividade, a recepção, o encontro, a interpretação e a mutualidade, que representam um modo único de troca social e, até mesmo, econômica.

**Figura 4:** árvore da hospitalidade (níveis e categorias das experiências de hospitalidade em comunidades tradicionais)



Fonte: elaboração própria (2024).

A figura 4 demonstra em forma de esquema ilustrativo os diferentes níveis da hospitalidade em comunidades tradicionais e suas respectivas categorias. No nível 1 encontram-se as raízes da hospitalidade de cada lugar/comunidade, a sua identidade, a qual garantirá

proteção aos possíveis impactos negativos do processo de visitação turística. Neste nível, foram identificadas nove categorias.

No nível 2, representado pelo tronco e seus galhos, encontram-se os componentes comuns a qualquer processo de hospitalidade, seja ele em uma comunidade tradicional ou não; ou seja, são componentes responsáveis pela conexão entre a identidade (nível 1) e as relações turísticas (nível 3). Por fim, o nível 3, representado pelas folhas da árvore, compreende os componentes característicos das relações de hospitalidade nas visitas turísticas em comunidades tradicionais. Neste nível, foram identificadas dezesseis categorias que, junto com as categorias dos demais níveis, poderão servir para analisar ou para elaborar experiências de hospitalidade em territórios tradicionais.

Dito isso, em resumo, a hospitalidade com identidade é a chave para que o turista tenha boas experiências e para que o local tenha impactos turísticos positivos decorrentes das visitas. Além disso, o acolhimento e a interação autêntica do visitante com a comunidade visitada promove uma conexão afetiva e memórias duradouras com o destino e a população local, influenciando assim a recomendação do lugar (Chen, Jiang & Liu, 2024). Deste modo, ao se tratar de comunidades e povos tradicionais, a hospitalidade assume significados singulares para cada comunidade. Ao analisar as categorias empíricas da hospitalidade em comunidades tradicionais, percebeu-se a relação com conceitos teóricos da hospitalidade, como é o caso da compensação que envolve essa dinâmica de retribuição do hóspede para com o acolhimento do anfitrião, o que se conecta, também, com a mutualidade vista nos estudos em comunidades tradicionais. É a partir da mutualidade que o visitante retribui a dívida do acolhimento oferecido pela população visitada, seja comprando algo que eles oferecem ou lhes pagando pela recepção com algum valor em dinheiro. Ademais, os conceitos teóricos sobre a hospitalidade e as categorias presentes em comunidades tradicionais são interconectados, somando-se a identidade e cultura desses povos.

## **5 Conclusões**

Este trabalho explorou as diversas facetas da hospitalidade, enfatizando as práticas de acolhimento presentes entre povos e comunidades tradicionais. Por meio de uma análise

detalhada tanto teórica, quanto empírica, foi possível identificar categorias comuns da hospitalidade que perpassam culturas e territórios distintos, demonstrando a universalidade deste valor intrínseco à condição humana.

As Comunidades Tradicionais, com suas práticas de hospitalidade, oferecem uma visão das interações sociais baseadas na coletividade, no acolhimento genuíno e na reciprocidade. Os resultados deste estudo não apenas categorizam algumas concepções de hospitalidade, mas, também, ressaltam conceitos elementares para se compreender a singularidade das práticas tradicionais, sensibilizando sobre a importância de valorizar costumes que são únicos em um mundo que é cada vez mais globalizado.

A ênfase da pesquisa deu-se na diversidade das práticas da hospitalidade em comunidades e povos tradicionais, deste modo, compreender essas práticas é fundamental para um turismo com responsabilidade e autenticidade. Em vista disso, reflete-se a possibilidade de o turismo servir como valorização e preservação das culturas tão únicas e singulares dessas comunidades tradicionais.

Em síntese, a hospitalidade manifesta-se não apenas como uma prática social, mas como um vínculo que aproxima as pessoas, reforça laços comunitários e promove a cultura de acolhimento, o que pode, inclusive, fortalecer o capital social em prol do desenvolvimento local. Espera-se que as reflexões e destaques apresentados inspirem pesquisas futuras, sugerindo o estudo das categorias apresentadas neste trabalho a partir de novas abordagens empíricas em comunidades e povos tradicionais em seus respectivos territórios. Além disso, seria importante a continuação das pesquisas bibliográficas em outros idiomas como inglês e espanhol, tentando identificar práticas específicas em outros povos latino-americanos, caribenhos, norte-americanos e europeus.

Do ponto de vista local, seria relevante avançar em pesquisas empíricas nos territórios vinculados aos ecossistemas únicos do Brasil (Pantanal, Cerrado) e da América Latina, objetivando fortalecer os movimentos de resistência, por meio da elaboração de produtos concebidos dentro destes territórios e por seus próprios atores sociais.

Afinal, experiências de turismo em Comunidades Tradicionais, e sob o arcabouço teórico-empírico da hospitalidade, oferecem uma perspectiva de esperança para um futuro mais regenerativo no turismo, tanto em matéria de convivência com as alteridades humanas, quanto

no que se refere à sustentabilidade dos ecossistemas, permitindo conhecer, compreender e coexistir.

## Referências

Baptista, I. (2008). Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*, 5-14.

Beares, L. A., & Cabral, S. G. (2008). Percepção da hospitalidade na visitação turística de comunidades isoladas na região de Paraty: guaranis, caiçaras e quilombolas. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 2(3), 19-40.

Bitelli, F. M., & Bastos, S. R. (2018). Hospitalidade na cidade: as manifestações culturais como uso do espaço público. *Turismo-Visão e Ação*, 20(3), 460-473.

Brusadin, L. B. (2016a). Entrevista: O Estudo da Hospitalidade por Luiz Octávio de Lima Camargo: epifania da dádiva. *Revista Hospitalidade*, 13(2), 242-247.

Brusadin, L. B. (2016b). O sentido do acolhimento na hospitalidade: entrevista com Conrad Lashley. *Caderno Virtual de Turismo*, 16(3).

Brusadin, L. B., & Netto, A. P. (2016). La dádiva y el intercambio simbólico: supuestos sociológicos y filosóficos para la teoría de la hospitalidad en las sociedades antiguas y modernas. *Estudios y perspectivas en turismo*, 25(4), 520-538.

Budel, L., Severini, V. F., & Rejowski, M. (2023). Dimensões da Hospitalidade no Turismo de Base Comunitária: simbologias, ritos e artefatos na casa de farinha em Mangabeira. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 17, e-2497.

Camargo, L. O. D. L. (2004). Hospitalidade (2 ed, p.94). São Paulo, SP: *ABC do Turismo*.

Camargo, L. O. D. L. (2021). As leis da hospitalidade. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 15(2), e-2112.

Camilotto, S., & dos Santos, M. M. C. (2022). Hospitalidade, Tradição e Identidade: Reflexões sobre Tradição e Tradicionalismo Gaúchos/Hospitality, Tradition and Identity: Reflections about Gaucho Tradition and Gaucho Traditionalism. *Revista Rosa dos Ventos-Turismo e Hospitalidade*, 14(2).

Campos, S. R. (2008). Os cinco sentidos da hospitalidade. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 9-a.

Chen, Y., Jiang, Z., & Liu, Y. (2024). Effect of sincere social interaction on tourist inspiration: an affective events theory framework. *Current Issues in Tourism*, 27(14), 2268-2286.

Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. (2019). Cartilha da CNPCT. Brasília, DF.

Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais & Ministério Público de Minas Gerais. (2014). Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais. Belo Horizonte, MG.

Corbari, S. D., & de Souza, S. D. R. (2021). Aspectos culturais do turismo: reflexão sobre autenticidade e deslegitimação étnico-cultural. *Turismo e sociedade: aspectos teóricos*. 3(2).  
Cosgrove, D., & Jackson, P. (1987). New directions in cultural geography. *Area*, 95-101.

Derrida, J. (2000). Hospitality. Angelaki. *Journal of the Theoretical Humanities.*, vol. 5, n.3, p. 3-18, Dec.

Dias, C. M. M., & da Silva Moya, I. M. (2015). Héstia & Hermes—pesquisa e reflexões sobre o simbólico e a hospitalidade. *Cadernos de Pedagogia Social*, (Especial), 99-117.

Faltin, A. O., & Minasse, M. H. G. (2019). Comensalidade, hospitalidade e convivialidade: um ensaio Teórico. *Rosa dos Ventos*, 11(3), 634-652.

Gomes, E. C., & de Mello Rossini, D. (2020). Dádiva e Hospitalidade: o encontro com as Louceiras do Maruanum, no Amapá. *Revista Hospitalidade*, 37-53.

Gotman, A. (2019). Hospitalidade em sentido próprio e figurado. *Revista Hospitalidade* 16 (3).

Guedes, A., & Bastos, S. (2017). A hospitalidade sob a perspectiva de Jacques Derrida e a resistência quilombola. *Revista Turismo & Desenvolvimento (RT&D)/Journal of Tourism & Development*.

Guimarães, G., & Camargo, L. (2017). Formas de avaliar a capacidade de ser hospitaleiro por meio das preferências comportamentais e da empatia. *Revista Turismo & Desenvolvimento (RT&D)/Journal of Tourism & Development*.

Guizi, A., Farias, A., & Marchesini, R. (2017). Gestão das experiências em hospitalidade no turismo comunitário. *Revista Turismo & Desenvolvimento (RT&D)/Journal of Tourism & Development*.

Hall, S. (2006a). A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. *DP&A*, 11.

Hall, S. (2006b). Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, 1, 21-35.

Han, B. C. (2021). O Desaparecimento dos Rituais: Uma Topologia do Presente. *Vozes*, 1.

Ikawa, R. T. R., & dos Santos, M. M. C. (2015). Sinalizadores discursivos da relação entre o turista como sujeito primariamente acolhido e uma comunidade—corpo coletivo acolhedor. *Revista Hospitalidade*, 325-343.

- Lashley, C. (2015). Hospitalidade e hospitabilidade. *Revista Hospitalidade*, 70-92.
- Lévinas, E. Totalidade e infinito. Lisboa: Edições 70, 1980.
- Lynch, P., & MacWhannell, D. (2004). Hospitalidade doméstica e comercial. *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. São Paulo: Manole, 145-190.
- Mauss, M. (2003). Sociologia e antropologia: o ensaio sobre a dádiva. *COSACNAIFY*.
- Oliveira, E. (2009). Epistemologia da ancestralidade. *Entrelugares: revista de sociopoética e abordagens afins*, 1(2), 10.
- Perazzolo, O. A., dos Santos, M. M. C., & Pereira, S. (2013). O acolhimento-ou hospitalidade turística-come interface possível entre o universal e o local no contexto da mundialização. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 11(1), 45-55.
- Rejowski, M., & Ferro, R. (2023). Perspectivas da pesquisa sobre Hospitalidade no Turismo em cenário nacional e internacional. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 21(3).
- Rosa, L. G., & de Fátima Fogaça, I. (2015). Hospitalidade e Interpretação Turística: relações com a comunidade local. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos: ABET*, 5(3), 64-71.
- Santos, M. F. (2004). Cultura imaterial e processos simbólicos. *Revista do Museu de Arqueologia e etnologia*, (14), 139-151.
- Santos, M. M. C. D., & Perazzolo, O. A. (2012). Hospitalidade numa perspectiva coletiva: O corpo coletivo acolhedor. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 6(1), 3-15.
- Scorsato, S. M. (2006). Hospitalidade: o desafio das populações de pescadores que se transformam em fornecedores de serviços turísticos. *Revista Hospitalidade*, 77-90.
- Soares, V. D. M. (2010). Hospitalidade e democracia por vir a partir de Jacques Derrida. *Ensaaios filosóficos*, 1.
- Sonaglio, K. E. (2018). Aproximações entre o turismo e a resiliência: um caminho para a sustentabilidade. *Turismo: Visão e Ação*, 20(1), 80-104.
- Spolon, A. P. G. (2016). Manual de hospitalidade, na prática: resenha do livro <i>The Routledge Handbook of Hospitality Studies</i> de Conrad Lashley. *Caderno Virtual De Turismo*, 16(3). <https://doi.org/10.18472/cvt.16n3.2016.1411>.
- Tasci, A. D., & Semrad, K. J. (2016). Developing a scale of hospitableness: A tale of two worlds. *International Journal of Hospitality Management*, 53, 30-41.

Tasci, A. D., Aktas, G., & Acikgoz, F. (2021). Cultural differences in hospitableness: A study in Turkish culture. *Tourism and hospitality management*, 27(2), 339-361.

Thibodeaux T. (2023, may 15). The Future of Hospitality Is Local. *Gensler*. <https://www.gensler.com/blog/the-future-of-hospitality-is-local>.

Valduga, M. C. (2017). O Território como lugar de hospitalidade. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, 5(8).

Warde, A., Paddock, J., & Whillans, J. (2020). Domestic hospitality: as a practice and an alternative economic arrangement. *Cultural Sociology*, 14(4), 379-398.

**Artigo recebido em: 20/08/2024.**

**Avaliado em: 08/11/2024.**

**Aprovado em: 14/11/2024.**